

O PERFIL SIBILANTE DA PERSONAGEM QUINA N'A *SIBILA* DE AGUSTINA BESSA-LUÍS¹

THE CHINING PROFILE OF THE CHARACTER N'A CHAIN OF AGUSTINA

BESSA LUÍS

Nair Fernandes Pereira²
Márcia Maria de Melo Araújo³

RESUMO: *A sibila*, romance de Agustina Bessa-Luís, publicado em 1954, vencedor dos prêmios Delfim Guimarães e Eça de Queirós, apresenta em seu título uma das figuras clássicas da mitologia greco-romana, as sibilas, mulheres virgens, sacerdotisas de Apolo, detentoras de saberes e poderes especiais, capazes de realizar profecias. A obra de Bessa-Luís traça o perfil de Quina, uma espécie de sibila contemporânea, detentora de sabedoria única, que instaura um matriarcado e reconstrói o patrimônio perdido de sua família. Este trabalho propõe investigar o simbólico no romance de Bessa-Luís, de modo a contrastar a imagem da sibila Quina com as sibilas da Antiguidade Clássica. Para tanto, embasamos em Araújo e Fonseca (2015), Beauvoir (2016), Kury (2009) e Moisés (2001, 2013).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Portuguesa. Mitologia. Sibila. Agustina Bessa-Luís.

ABSTRACT: *The Sibila*, a novel by Agustina Bessa-Luís, published in 1954, winner of the Delfim Guimarães and Eça de Queirós prizes, brings in her title one of the classic figures of Greco-Roman mythology, the Sibyls, virgin women, priestesses of Apollo, holders of knowledge and special powers, capable of performing prophecies. The work

¹ Este artigo é resultado parcial do projeto de pesquisa intitulado “Mulher e literatura no pensamento e na cultura ocidental: visão e representação da mulher, das fontes fundadoras às suas disseminações modernas e contemporâneas”, realizado com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e está vinculado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás e ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP)

² Mestranda em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Literatura Infantil e Juvenil e graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás. É professora no Colégio Estadual José Pereira Faustino. É membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa/GEPELLP. Suas áreas de interesse e pesquisa são literatura portuguesa e brasileira contemporânea, literatura infantil e juvenil e literatura medieval. E-mail: nairdfg@gmail.com.

³ Pós-doutora em estudos literários pela Universidade Católica Portuguesa, doutora e mestre em estudos literários pela Universidade Federal de Goiás. Professora de Literaturas de Língua Portuguesa do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP) e membro da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) e do GT de Estudos Medievais da ANPOLL. E-mail: marcia.araujo@ueg.br.

of Bessa-Luís, traces the profile of Quina, a sort of contemporary sibyl, possessing unique wisdom, who establishes a matriarchy and rebuilds the lost patrimony of her family. This work proposes to investigate the symbolic in the Bessa-Luís novel, in order to contrast the image of the Sibina Quina with the Sibyls of Classical Antiquity. For this, we base ourselves on Araújo and Fonseca (2015), Beauvoir (2016), Kury (2009) and Moisés (2001, 2013).

KEYWORDS: Portuguese Literature. Mythology. Sibyl. Agustina Bessa-Luís.

INTRODUÇÃO

A Sibila, de Agustina Bessa-Luís (2000), segundo romance publicado pela autora, em 1953, vencedor dos prêmios Delfim Guimarães e Eça de Queirós, é considerado por Massaud Moisés (2013), António José Saraiva e Óscar Lopes (2008), um dos marcos da literatura contemporânea portuguesa.

O romance apresenta a trajetória da família Teixeira e de sua propriedade secular, a “casa da Vessada”, a narrativa parte da ruína causada pelo patriarca da família, Antônio Teixeira, à ascensão triunfal, cujo responsável é sua filha, Joaquina Teixeira, conhecida por todos como Quina. Dotada de uma aura mística peculiar, Quina usa de suas habilidades para reerguer a propriedade e o patrimônio familiar.

A narrativa aborda gradativamente a reedificação da propriedade dos Teixeira, desde a queda do patriarcado de Francisco Teixeira à ascensão de um matriarcado, este, composto a priori por Maria, mãe de Quina, Estina, sua irmã, e,

logo após atingir maioridade e consciência de seus talentos, presidido por Quina. O perfil “sibilante” de Quina é revelado sutilmente dentro do romance, seja pela sua perspicácia e boa percepção do mundo, ou sua intuição infalível e tino para os negócios.

Desde Cassandra, personagem homérica, filha do rei Príamo, que previu o fim de Troia, as sibilas quase sempre estiveram envolvidas numa atmosfera sobrenatural. Metaforizadas no motivo do conhecimento das artes ocultas e da revelação do futuro, as sibilas tornaram-se figuras muito conhecidas da mitologia greco-romana, sacerdotisas do deus Apolo, com dons de proferir profecias, realizar premonições e adivinhações.

Quina, protagonista do romance de Agustina Bessa-Luís, é uma personagem extremamente forte e marcante, envolta a uma aura mística, com toda a complexidade de uma sibila. Desse modo, vimos nessa personagem a hipótese de ela refletir a força do matriarcado e a semelhança com a figura mitológica clássica e moderna da sibila.

Do matriarcado, por não haver uma personagem masculina à altura de Quina. Da sibila por, num contexto sociocultural em que já não há o mesmo sentido do mundo clássico de Homero e dos deuses gregos, a personagem apresentar os dons recebidos, mas ao invés de lhe trazerem benefícios, a punem com a individualidade e o isolamento, características que a aproximam das sibilas antigas.

Uma das características marcantes de Quina, e que se assemelha às sibilas clássicas, é de permanecer virgem até sua morte. As sacerdotisas de Apolo deveriam manter-se virgens e devotas a ele até o final de suas vidas, caso isso não ocorresse, perderiam seus talentos. Embora Quina tivesse tido inúmeros pretendentes ao longo de sua vida, ela recusou a todos.

Com vistas para o exposto, este artigo pretende explorar o perfil sibilante da personagem Quina dentro da obra **A sibila**, de Bessa-Luís. Para tanto, embasamo-nos em Araújo e Fonseca (2015), Beauvoir (2016), Chevalier e Gheerbrant (2012), Kury (2009) e Massaud Moisés (2001, 2013).

APOLO E AS SIBILAS

No **Dicionário de Símbolos**, de Chevalier e Gheerbrant (2012), sibila é o nome dado às sacerdotisas que, em nome

de Apolo, profetizavam e viviam castas e sozinhas como esposas do deus. No plano simbólico, a sibila representa

o ser humano elevado a uma condição transnatural, que lhe permite comunicar-se com o divino e transmitir as suas mensagens: é o possuído, o profeta, o eco dos oráculos, o instrumento da revelação. As sibilas foram até consideradas como *emanações da sabedoria divina*, tão velhas quanto o mundo e depositárias da revelação primitiva; a este título, seriam um símbolo da revelação. Por isso, não se deixou de ligar o número das doze sibilas ao dos doze apóstolos e de pintar e esculpir as suas efigies nas igrejas. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 832, grifos dos autores).

Desse modo, é notável que as sibilas tenham alcançado reputação e respeito na Antiguidade. Segundo o **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**, de Mário da Gama Kury (2009), ouvir profecias era um hábito e prática comum entre os gregos e os romanos. Os centros proféticos eram muitos e nas mais diferentes localidades. Porém, o mais famoso foi o de Delfos, dedicado ao deus Apolo.

Para Kury (2009), Apolo teria sido filho de Zeus e de Letó, e também irmão gêmeo de Ártemis, deusa da caça e das amazonas. Letó, perseguida implacavelmente por Hera, deu à luz a Apolo e Ártemis na ilha de Ortígia. Apolo recebera de Zeus, seu pai, uma lira e cisnes sagrados, os quais foram levados

de Delos para a terra dos Hiperbóreos, no extremo norte do mundo.

Apolo passou um ano na região, quando retornou à Grécia, foi a Delfos, onde matou a flechadas o dragão Píton, guardião do oráculo de Têmis. Depois de tê-lo matado, a fim de purificar-se, realizou os Jogos Pítricos, jogos fúnebres oferecidos a Píton. O deus também apoderou-se do oráculo de Têmis, e consagrou no santuário uma trípode, que passou a ser um dos símbolos do deus, onde a sacerdotisa Pítia sentava-se para proferir seus oráculos. Apolo costumava ser representado como um jovem belo e alto, e que teve muitos amores.

Em uma de suas aventuras amorosas, Apolo apaixonou-se pela ninfa Dafne da Tessália, filha do deus Peneio. A ninfa fugiu para as montanhas, para esconder-se do deus, entretanto ele não desistiu e continuou a persegui-la. Quando estava prestes a alcançá-la, Dafne recorreu ao seu pai, que, para livrá-la das garras de Apolo, transformou-a num loureiro, árvore consagrada a Apolo. No entanto, segundo Kury (2009), Apolo consegue conquistar outra ninfa, Cirene, que concebeu o semideus Aristeu.

Cassandra, uma das mais famosas sibilas, filha de Príamo, também foi assediada pelo deus, contudo, a mortal não correspondeu aos seus anseios. Em

tentativa de conquistá-la, Apolo prometeu dons de sibila e ensinar-lhe as artes da adivinhação em troca de seu amor e devoção. Cassandra aprendeu e recebeu os dons que lhe foram oferecidos, entretanto, não cedeu. Apolo, furioso, como ato de vingança, fez com que ninguém acreditasse em suas premonições.

A sibila Cassandra previu a destruição de Tróia, mas não fora ouvida. Seus avisos e profecias acerca do “Cavalo de Troia” e o perigo iminente, também foram ignorados, o que resultou na vitória dos gregos sobre os troianos.

Apolo ficou conhecido como o deus da profecia, da arte de usar o arco e a flecha, da juventude, da medicina, da luz e até como protetor dos rebanhos. Sempre acompanhado da lira, presente de seu pai, Zeus, tornou-se notório como deus da poesia e da música. Seus oráculos chegavam a ser poéticos, proferidos em versos:

Seu culto em Delfos influenciou fortemente a formação do espírito grego. Na mitologia romana o culto de Apolo apareceu cedo (seu primeiro templo foi erigido em Roma no século V a. C.), provavelmente por influência das cidades gregas fundadas no sul da Itália e na Sicília, e há notícias de contatos antigos dos romanos com o oráculo de Delfos. Inicialmente ele era tido em Roma como o deus da medicina, mas tornou-se logo conhecido como o deus da

profecia e dos oráculos e como o patrono da poesia e da música, tendo portanto atributos idênticos aos do mesmo deus na Grécia. Augusto estimulou fortemente o culto apolíneo, e adotou Apolo como seu patrono. (KURY, 2009, p. 160).

A Sibila de Cumas foi outra que recusou a submeter-se ao deus. Ele prometeu dar-lhe tudo aquilo que desejasse, a Sibila tomou em suas mãos um punhado de areia e pediu-lhe tantos anos de vida quantos grãos de areia houvesse em suas mãos. Tendo esquecido de exigir a juventude eterna junto a longevidade, Apolo usou disso para que ela cedesse a ele, porém ela recusou-se. O deus a deixou envelhecer e que seu corpo perecesse e definhasse, como expõe Kury (2009):

Em algumas fontes a Sibila de Cumas, na Campânia, famosa nas lendas romanas, seria a mesma Sibila de Erítras. O nome da Sibila italiana varia conforme as fontes: Amálteia, Demófila ou a própria Herófila. Apolo concedeu-lhe o privilégio de viver tantos anos quantos fossem os grãos de areia que ela pudesse apanhar com uma de suas mãos, desde que jamais voltasse a Erítras; por isso ela se radicou em Cumas, onde proferia seus oráculos numa gruta. Os eritreus, entretanto, mandaram-lhe uma carta em cujo selo havia terra de Erítras, e vendo esse vestígio de sua pátria ela morreu. Em outra versão da lenda ela teria pedido uma vida muito longa a Apolo que a amava e prometeu satisfazer o primeiro desejo manifestado por ela, em troca de sua virgindade. A Sibila, porém, esqueceu de pedir também a preservação de sua juventude, e a cada ano que passava se tornava mais velha e

seca, e diminuía de tamanho. Em certa época ela já parecia uma cigarra, e foi posta numa gaiola no templo de Apolo em Cumas, como se fosse um pássaro. Contava-se que as crianças lhe perguntavam qual era o seu maior desejo e sua resposta era “Quero morrer”. Em uma das fontes a Sibila de Cumas guiou Eneias (v.) em sua descida ao inferno. De acordo com as tradições romanas essa Sibila foi a Roma durante o reinado de Tarquínio o Soberbo, e quis vender ao rei nove livros contendo oráculos, mas Tarquínio recusou. A cada recusa do rei, que achava o preço exorbitante, ela queimava três livros, e depois de duas recusas Tarquínio comprou afinal os três livros restantes, guardando-os no templo de Júpiter Capitolino (v.). Depois da venda, Sibila desapareceu misteriosamente. Esses livros, chamados sibilinos, influenciaram fortemente a religião, o culto e a própria maneira de viver dos romanos, e eram consultados nas épocas de calamidades ou de acontecimentos prodigiosos; eles continham prescrições relativas ao culto dos deuses e aos sacrifícios. (KURY, 2009, p. 1712-1713).

O Dicionário de Gama Kury (2009) apresenta no verbete “sibila” a seguinte definição: “**Sibila** (G. *Sibylla*). Um dos nomes da sacerdotisa incumbida de proferir os oráculos de Apolo (v. *Pítia*)”. Segundo ele, a primeira Sibila teria sido a filha de Dárdano e de Nesó. A moça possuía dotes proféticos tão poderosos que ficou extremamente conhecida. A partir dela, todas as profetisas passaram a levar seu nome, Sibila.

Há ainda, segundo o autor, outras fontes que alegam que a Sibila mais antiga poderia ter sido uma filha de Zeus e de

Lâmia. A moça proferia oráculos na Líbia e lá recebera este nome. As sibilas, eram sem dúvidas, mulheres incríveis e dotadas de poderes especiais e com o tempo foram sendo associadas ao deus do destino, *Fatum*.

Com o decurso do tempo, sob a influência das lendas gregas *Fatum* passou a significar as divindades ligadas ao destino, como as Moiras, as Parcas e as próprias **Sibilas** (vv.). Havia em Roma três estátuas de Sibilas chamadas *Fata* (plural de *Fatum*), e do nome *Fata*, usado como feminino singular, originaram-se as Fadas das crenças populares romanas. (KURY, 2009, p. 694, grifo nosso).

Não há como negar que, desde o período da Antiguidade Clássica, a imagem feminina está atrelada a uma aura mística, tendo como destaque a representação das sibilas, das quais mais tarde surgiram as fadas romanas. As sibilas, mulheres que se negaram a ceder às investidas de Apolo, acabaram tendo um final trágico, demonstrando o constante conflito que as mulheres que decidem ser donas de si e detentoras do conhecimento, por ventura, vivem.

A SIBILA DE BESSA-LUÍS

O romance **A sibila** é composto de dezenove capítulos, nos quais Germa, ou Germana, sobrinha de Joaquina Augusta Teixeira, Quina, narra a história da

Família Teixeira e de sua propriedade conhecida como “casa da Vessada”. Esta casa havia sido passada de geração a geração, “aforados à Coroa há mais de dois séculos e que têm permanecido na sucessão direta da mesma família de lavradores” (BESSA-LUÍS, 2000, p.7).

A história começa com um diálogo entre os primos Germana e Bernardo, de personalidades completamente distintas; ela, de um dos ramos da família que mantiveram a “aristocracia da terra”, enquanto ele, de outro, havia adquirido *status* através do capitalismo. Ele “pertencia ao ramo da família que o capitalismo ascendera ao posto imediato da intelectualidade e nisso fixara uma aristocracia” (BESSA-LUÍS, 2000, p.7). A partir de memórias próprias e histórias que lhe foram contadas, Germa narra a história de sua família, referindo-se primeiro, saudosamente, a sua tia: “Ah, Quina, tão estranha, difícil, mas que não era possível recordar sem uma saudade ansiada, que fora ela?” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 9). Pode-se notar, já nesta primeira introdução da personagem Quina, sua complexidade e que a narradora a recobre de uma espécie de aura misteriosa.

Segundo Massaud Moisés (2001), Agustina Bessa-Luís quebra a linearidade da narrativa, entre *flashbacks*

e *flashforwards*, que se misturam aos sentimentos da narradora, Germa, e a outras histórias que compõem a narrativa da família Teixeira. Os conflitos das personagens afloram num espaço agrícola tipicamente regional português e abrangem duas gerações anteriores da família, uma posterior e, ainda, de outras famílias e amigos próximos desta.

Germana inicia pela história de seus avós, Maria Encarnação e Francisco Teixeira. A mãe de Quina tinha apenas nove anos quando conheceu o marido, que era, nessa época, um conquistador desejado pelas moças da região. Quando Maria fizera aproximadamente vinte anos, casaram-se às escondidas, enquanto ele tentava fugir de um compromisso com Isidra, uma moça com quem se envolvera e engravidara.

Francisco Teixeira assim que soube da gravidez indesejada de Isidra, terminou o romance, mas interessava-se pela criança, que ao nascer teria sido destinada “à roda”. Ele preocupado, mandou criá-la cheia de mimos e amparos. Maria recebeu-a mais tarde com muito zelo. Isidra, recluiu-se e foi morar no Porto, casou-se já de idade avançada com um magistrado, “homem balofo e sem humor” (BESSA-LUÍS, 2000, p.20).

Todavia, Francisco não mudara. Suas aventuras chegaram a ser incontáveis.

Maria, apesar de manter-se calada, sentia-se cada vez mais corroída pelo ciúme e amargurada, mal alimentava-se e, por causa disso, perdera três bebês, até que, Justina, carinhosamente chamada de Estina, nascera, logo depois Joaquina Augusta, apelidada de Quina, e mais outros três rapazes, o último, batizado com o sobrenome da mãe.

Estina crescia cada vez mais parecida com a mãe, que lhe dedicava seus afetos. “Joaquina Augusta encontrou um terreno de afectos quase dedicado à primeira filha Estina.” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 22). Bonita, poupada dos trabalhos da casa pela mãe, assim crescia, enquanto Quina,

[...] desde muito nova, lidava sob estímulo da mãe, que a exigia activa e responsável, mais do que seria de desejar em menina tão miúda. Mas ela vergava-se àquela seca disciplina que seria o remorso de Maria, se esta tivesse ócios disponíveis para tais sutilezas. (BESSA-LUÍS, 2000, p. 22).

O pai intercedia sempre por Quina, mas a mãe, ignorava-o, dizendo que uma prima havia se casado aos onze anos, e que aos treze teve gêmeos e criou-os bem. Quina chegou a nutrir certa raiva da prima. Entre Quina e o pai surgira aos poucos certa cumplicidade, e Quina parecia-se ainda mais com o pai.

Quina não era bonita. Tinha de seu pai a estatura, que era pequena, e as falas um tanto capciosas, o

gênio profundamente equilibrado. Possuía a virtude de ser frívola apenas com as coisas frívolas, e, o que era mais, compreender exactamente onde havia, de facto, frivolidade. Todos os seus defeitos eram, um por um, os de tia Balbina, sua madrinha. Era, como ela, mentirosa e chicaneira, gostava de grandes relações e não tolerava tudo quanto não conseguia obter. O apuro de educação com que fora criada Estina faltou-lhe a ela, e Quina empenhava-se em demonstrar que superaria sempre essa ou qualquer educação. (BESSA-LUÍS, 2000, p. 36).

Quina estimava por deveras o pai. Em uma de suas últimas aventuras, Francisco Teixeira envolvera-se com uma criada, quando Maria descobrira a traição do marido, despediu todas as criadas. A amante de Francisco atribuiu-lhe uma criança, mas ele a rechaçou. Maria é que fora acudi-la, e Quina a criticava em pensamento. A família passava por crises financeiras por causa dos excessos do pai, como narrado no trecho a seguir.

Entretanto, a casa viu-se envolvida numa dessas querelas, história terrível, de águas, de justiça, e que o povo parece tomar com um derivativo do vício do jogo. Maria, e logo depois, Quina, litigavam como se jogassem. A primeira ficava reduzida a um farrapo cegava-se, estorcia-se de paixão, morria e revivia a cada contestação e a cada minuto. Esquecia a razão, e arruinava-se prazenteiramente até ao último ceitil; até o último momento esperava vencer e recuperar tudo, e, se lhe explicavam miudamente as impossibilidades desse resultado, não compreendia.

[E mais uma vez a personalidade de Quina se revela forte e impetuosa:]

Quina era diferente. Tinha grande fé nas artimanhas dos advogados, achava que sempre, sem exceção, se pode iludir a lei. Cultivava-se em coisas do foro, fazia-se importuna, corria de um juiz a um influente e desde a um delegado, agia de moto próprio, desejava precipitar o lento esmoer da burocracia judicial, comprava testemunhas, impunha teorias, desprezava os legistas que não a favoreciam, e considerava letra morta os seus artigos. Era, enfim, calamitosa e insuportável. (BESSA-LUÍS, 2000, p. 37).

Abilio, um de seus três irmãos, falecera aos treze anos, recém-chegado do Brasil. Logo depois da morte do filho, Francisco vem a óbito. Por esses infortúnios, os pretendentes que rondavam as duas irmãs, afastaram-se. Estina fora abandonada pelo namorado, quando este percebe a falência iminente da família, e desaparece. Já Quina prefere renunciar ao pretendente, Adão, para que este pudesse se casar com alguém que oferecesse maior dote.

Assim, podemos perceber o quanto Quina mantém-se racional perante a demonstração sentimental de Adão, que ainda argumenta falar com os irmãos, para não ter que romper com Quina. Mas ela mantém-se firme, impelindo-o a se casar com uma moça de bom dote: “As coisas são como são, e a ocasião agarra-se pelos cabelos [...]” (BESSA-LUÍS,

2000, p. 42). Adão tornou-se seu amigo até o final da vida. Quina gostava da ideia de tê-lo como admirador e, para ela, isso valia mais do que qualquer paixão.

Tinha vinte anos. Talvez não amasse o rapaz, ou fosse, simplesmente, mais capaz de dedicação que de paixão. Mas, sem dúvida, preferia ser, admirada a que a desejasse. A admiração submissa, grave, que Adão experimentava por ela, pelos seus dotes de sagacidade e de prudência, pelo seu estranho poder de conselheira, era-lhe mais agradável que todo o amor que arrebatadamente ele lhe pudesse confessar. Quina sabia, que entre ambos, uma rival jamais seria possível; por isso, foi com uma espécie de jovial satanismo que ela o impeliu para o casamento. (BESSA-LUÍS, 2000, p. 43)

Ao impelir Adão ao casamento com outra moça, Quina depura seu lado racional ao fazer com que ele continue a admirá-la e o mantém sempre próximo a ela. Essa racionalidade pode ser notada, de forma contrastante, entre as personagens Quina e Estina. Enquanto esta chora pela perda de seu pretendente, e sua mãe toma suas dores, Quina deita-se e põe-se a rezar. O curioso é que, segundo Araújo e Fonseca (2015), o choro é um dos elementos que fontes misóginas usam para delimitar a natureza feminina como frágil e inconstante. Entretanto, diferente de Estina, Quina se mantém racional, um qualificativo simbolicamente relacionado a Apolo:

Baixinho, Quina começou a rezar, como era costume estabelecido nas noites de apreensão e insônia, quando se temia um infortúnio, quando a alma, bruscamente inquieta, voltava a sua potência para a oração. Era mais. Era um clamor doce, imperativo e quente, um alento de fé tão cheio de pura espiritualidade como só se encontra nesses clãs primitivos, para quem a solidão e a natureza são excelsas formas de pensamento de apelo de união com o mistério protetor e terrível.

[E continuou com suas preces clamando:]

Abençoi os nossos campos, para que eles tenham água e nos dêem pão. Abençoi a nossa casa, o nosso gado, os nossos criados. Abençoi os nossos frutos, que tudo aconteça para o bem. Levai para longe a fome, a peste, a guerra e os amigos que mentem. Fazei-nos humildes na riqueza, orgulhosos na desgraça, sábios em desejar, corajosos em receber a ofensa, valentes em cumprir a vida e a morte. Abençoi também os nossos moinhos e os caseiros deles, que não pagam renda há quanto tempo... (BESSA-LUÍS, 2000, p. 43-44).

Após as preces, a vida de Quina na casa passara por uma mudança. Suas preces de sibila foram atendidas e começa-se então o matriarcado regido por Joaquina Augusta Teixeira, a sibila Quina. Sobre o perfil “sibilante” de Quina, Massaud Moisés (2001, p. 101) afirma que “Quina experimenta sucessivas e sutis mudanças ao longo da vida, sobretudo depois da doença que a acometeu, [...]”. Isso ocorre por volta dos quinze anos, quando a moça fora acometida por uma doença, ainda antes da morte de seu pai, que a deixara acamada por aproximadamente

um ano, sofrendo de febres altas, ataques, falando e sorrindo para o nada, em uma espécie de delírio que findava-se. Todos a sua volta começam a tratá-la de maneira diferente. Sua mãe comoveu-se, o pai enchia-a de mimos. Tio José, irmão de Maria, rico, que morava no Porto e com filhas lindas, veio para visitá-la. Quina sentira que não poderia mais perder aqueles privilégios, antes nunca experimentados:

A doença fez-se invalidez, estorvo para o regresso à vida normal que a devolveria à mediocridade e à sombra; adquiriu uma forma de se expressar sibilina e delicada, que deixava suspensos os ouvintes, as almas estremeando numa volúpia de inquietação, curiosidade e esperança. (BESSA-LUÍS, 2000, p. 46).

Para Massaud Moisés (2001), essa doença misteriosa poderia ser comparada a um tipo de “frenesi”, pelo qual passavam as sacerdotisas de Apolo antes de proferirem o oráculo:

Epilepsia a doença sagrada? Não corresponde ao frenesi que as sibilas de Apolo experimentavam antes de fazer os seus oráculos? Os indícios apontam nessa direção, acrescentando a dose de fatalidade mítica que faltava para compor o figurino incomum da heroína. (MOISÉS, 2001, p. 101).

Quina percebe que pode exercer influência sobre as pessoas à sua volta. A vida na casa da Vessada continua, Estina era poupada pela mãe e passa ser sua

confessora. Quina tinha agora “um gênio buliçoso”, o esforço da lógica, uma altivez masculina que herdara do pai e uma transcendência espiritual que a tornara detentora de uma sabedoria incrível.

A reestruturação do patrimônio da família coube às três mulheres, Maria, Quina e Estina, já que os rapazes, João e Abel, tinham muito do comportamento do pai. João, o mais velho, não tinha grandes ambições, já Abel, ganancioso, correu o mundo para fazer a vida, em busca de luxo. Desse modo, uma vez mais, “as mulheres viram-se a braços com toda a responsabilidade, o que não era novo para elas.” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 53). Podemos constatar conforme a passagem abaixo, a força do matriarcado Teixeira e a desilusão com relação aos homens:

Os homens tinham sido sempre fatais para a casa da Vessada. Francisco Teixeira, pródigo e desinteressado, contava como seu próprio pai entregava mais afoitamente a regência do lar a uma filha que tinha - musculosa amazona que, ela só, bastava para jungir uma parelha de bois a um carro carregado de mato, e sem que a respiração lhe alterasse. [...] Elas tinham se habituado a contar apenas com o seu pulso, a serem mulheres sós, sem a confiança de ombro másculo a que arrimassem ou uma razão que por elas decidisse o letígio, a soldada, a sementeira, o negócio. Por isso seu carácter não podia deixar de adquirir acentos viris, assim como

as suas mãos tinham calos e nodosidades, como o seu espírito se abstinha de manifestações supérfluas. E a entranhada aversão pelo homem, pelo ser inútil e despótico, egoísta, cedendo aos vícios e à corrupção com uma facilidade fatalista, desenvolveu-se nelas cada vez com mais intensidade, não sem que seu orgulho, porém, se abstivesse de julgar com muito rigor os exemplos masculinos da casa, nos quais encontravam sempre uma atenuante, um encanto, mesmo feito de fraquezas, e que os fazia tão queridos. (BESSA-LUÍS, 2000, p. 53-54).

É dado enfoque na reedificação da propriedade dos Teixeira, com visibilidade do matriarcado na obra. Quina revela-se astuta, inteligente e perspicaz, desejando, ou ainda, prevendo em seu íntimo que conquistaria tudo o que almejava. Quina e Maria, seguiram juntas, sem recordarem-se das desavenças que por ventura tiveram. “Eis que Quina e Maria, lado a lado, e não frente a frente como outrora. Um grande sentimento de colaboração, que era mais do que amor, as unia agora.” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 55).

Estina, apesar dos percalços, casa-se por conveniência com Inácio Lucas, mas não mantém contato com a família, visitando a mãe e a irmã periodicamente. Estina tem dois filhos que morrem já quase moços, devido à brutalidade do pai, e uma filha, que sofre de alucinações. Mesmo sofrendo com os abusos constantes de seu marido, não abandona

a casa, com receio de desonrar a família. Mais tarde, morre também a filha. De certa forma, Estina tem incutido em seu inconsciente, o predomínio ideológico e prático sobre o que era a função feminina na sociedade de sua época. Ela se restringe ao espaço doméstico e ao bem-estar da família, sem direito à voz.

Aos poucos, Quina rege os negócios da família, dedicando-se a enriquecer materialmente e tornar-se, a cada dia, mais influente e respeitada na região, como demonstra o excerto:

Os prazeres femininos, o amor, e a passividade espiritual, as ninharias dum sentimento ou dum capricho que nascem dessa euforia tirânica que as mulheres gostam de exercer sobre aquele a quem sabem ter dominado pelos sentidos, isso foilhe negado. Restava-lhe satisfazer a vaidade e atingir, por imposição da personalidade, tudo quanto, se tivesse sido uma mulher apenas de temperamento, teria dispensado. Dedicou-se a evoluir, a subir, a desenvolver tentáculos de intrigas que favorecessem a sua decisão, que era enriquecer e, mais ainda, ser notável. Obcecou-se no fito de engrandecer os seus bens e o seu prestígio, primeiro com o projeto modesto de permanecer independente, saldar dívidas, e corrigir as irresponsabilidades do pai erguendo a casa ao primitivo nível de crédito e de fartura. (BESSA-LUÍS, 2000, p.59).

Com o tempo, as aspirações de Quina aumentam, e nossa Sibila torna-se ainda mais ambiciosa. João, que ainda morava com as duas, resolve se casar, mas a mãe não aprova a noiva escolhida pelo filho,

recebendo-a mal. Abel, de passagem pela casa da Vessada, sai fazendo visitas, reencontrando amigos, frequentando casas de autoridades e leva consigo Quina que passa a experimentar a convivência no meio social. Mesmo depois que Abel decide voltar a rodar o mundo, Quina mantém-se em alguns círculos sociais, e torna-se confidente da condessa de Monteros, Elisa Aida.

Neste novo círculo social, Quina já havia ganhado prestígio, e mais ainda, *status* de Sibila: “Viva a voeirinha, a sibila! Diziam rindo ao ver entrar Quina” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 64). Todos ficavam admirados com o poder de suas rezas, suas preces, que impressionava as pessoas que a ouviam quando proferia seus oráculos.

Com as saídas frequentes, as novas amizades e serviços prestados às amizades, não faltava-lhe pretendentes, mesmo aos 40 anos, mas ela mantém-se firme em sua decisão de não se casar. Quina, assim como as sibilas sacerdotisas de Apolo, manteve-se virgem até o final da vida.

Nossa sibila contemporânea, não temia entregar-se a um homem, mas em perder-se nele. Ria consigo mesma dos homens, de suas atitudes mal pensadas e de como ela superara a sua natureza inferior, e estava num patamar acima deles. Suas

experiências masculinas, com seu pai, apesar de muito parecer-se com ele e de amá-lo, seus irmãos e antepassados, não haviam sido exitosas. Quina temia pela sua independência, em perder seu posto, e em figurar-se à sombra de alguém. Para ela, a ideia de ter tantos pretendentes, e nenhum deles estar à sua altura, e todos revelarem profunda admiração por ela, levava-a um estado de êxtase.

Por outro lado, sentia desprezo da condição feminina, e das mulheres que permaneciam nela. Chegava a achá-las frívolas, subservientes e regozijava-se em ter vencido sua própria condição, ser uma mulher em um mundo dominado por homens, como podemos observar na passagem seguinte:

E um dos aspectos mais característicos de Quina era desprezar por princípio todas as mulheres. Não que pessoalmente as odiasse, mas, na generalidade, atribuía-lhes uma categoria deprimente, e, como elemento social, não as considerava. A verdade era que, toda a vida, ela lutara por superar a sua própria condição, e, conseguindo-o, chegando a ser apontada como cabeça de família, conhecida na feira e no tribunal, procurada por negociantes, consultada por velhos lavradores com a mesma seca objectividade usada entre eles, mantinha em relação às outras mulheres uma atitude não desprovida de originalidade. Amadas, servindo aos seus senhores, cheias dum mimo doméstico e inconsequente, tornadas abjectas à custa de lhes ser negada a responsabilidade,

usando o amor com instinto de ganância, parasitas de homem e não companheiras, Quina sentia por elas um desdém um tanto despeitado e mesmo tímido, pois havia nessa condição de escravas regaladas alguma coisa que a fazia sentir-se frustrada como mulher. Na generalidade, amava o homem como chefe de tribo e pelo secular prestígio dos seus direitos. Mas ria-se de todos eles, um por um, pois lhes encontrava inferioridade que ela, pobre femeazinha sem mais obrigações do que as de chorar, parir e amar abstractamente a vida, pudera vencer, não tanto por despique como por impulso de carácter, e utilizando para isso, sabiamente, tanto as fraquezas como seus dons. (BESSA-LUÍS, 2000, p. 99-100).

Nessa passagem, Quina parece metaforizar as mulheres como seres desprovidos de razão e, portanto, sem competência para cuidar de coisas importantes. Concomitantemente, em relação aos homens, ria-se deles, pois, mesmo sendo uma mulher sem mais obrigações do que as de chorar, parir e amar, conseguira superar essa condição. Se pautarmos em Beauvoir (2016), a crise existencial gerada em Quina, por essa inversão de papéis, pode ser melhor compreendida:

O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico, ela esquivava o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. Efetivamente, ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de constituir-se em coisa. É um

caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. Mas é um caminho fácil: evitam-se com ele a angústia e a tensão da existência autenticamente assumida. O homem que constitui a mulher como um *Outro* encontrará, nela, profundas complicitades. Assim, a mulher não se reivindicava como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de *Outro*. (BEAUVOIR, 2016, p. 15).

Em seu íntimo, Quina se vê de frente a um conflito, pautado no discurso misógino que rege a sociedade na qual ela está inserida. Ao deparar-se consigo mesma, tendo conquistado tudo o que almejava, mas abrindo mão daquilo que configura o feminino, sente-se incompleta.

Quando Germa, filha de Abel nasce, Quina já a olha com indiferença pelo simples fato de ter nascido mulher. Conforme a menina cresce, e passa um tempo com sua tia Quina e a avó Maria, as três tornam-se cada vez mais unidas. Germa, com seus treze anos, gostava de roupas pretas, o que lhe atribuía um ar mais velho e senhoril, tem um carinho especial pela tia e pela avó, passa a olhá-las com admiração, almejando ser como elas.

Ao morrer Maria, as intrigas no círculo familiar aumentam. João e Abel queriam ter parte na fortuna de Quina. Mas Abel, aproveitando-se da relação de Germa e Quina, passa a não lhe pedir mais contas, já que imaginava que ela deixaria tudo para a filha dele quando morresse.

Quando morreu a condessa de Monteros, um de seus criados fora trabalhar para Quina. Passado algum tempo, o moço partiu e, ao voltar, disse que a mulher dele, uma prostituta, morrera, deixando-lhe um filho. “Era um menino de quatro anos, belo como pastorinho de presépio. E que não falava ainda.” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 136).

Quina decide cuidar do menino, que recebeu o nome de Emilio, conhecido por Custódio, nome dado aos sem-batismo. Logo o pai fora embora e o deixara com Quina, que gostou. Ela projetara naquele menino todo o cuidado e amor que ela tinha guardado em si.

Com o tempo, Quina mudara muito, e Custódio tirava proveito dela. Chegava a furtar-lhe pequenos objetos, extorquir-lhe dinheiro e ela cedia sempre aos seus caprichos. Custódio envolvera-se com bandidos, tratava Quina ora com violência, ora com gentilezas, praticava furtos em casa e na região, e quando ela adoecera, ele passou a tratá-la melhor, a

fim de que ela deixasse a ele algum bem após a morte.

Germana fora enviada por Abel para constatar se a tia deixaria a fortuna para Custódio. Ela desencantou-se da tia, sentia-se como se ela não a quisesse ali. Ela retorna para casa de seu pai, relatando como a tia estava, e este enfureceu-se e começou a insurgir-se contra a irmã.

O tempo passa, Quina agora já está em idade avançada. Falece em sua própria cama, sozinha, deixando seu legado de sibila, assim como seus bens e a tão amada propriedade da família, à sua sobrinha Germana. Desde quando Germa era pequena, as duas tinham uma ligação única, e apesar de terem-se afastado por um tempo, uma nunca deixou de admirar a outra, pois eram de uma aparência única.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Del Priore (2017), falar sobre a história das mulheres é também falar sobre a família, o trabalho feminino, as aspirações, o corpo da mulher, sua sexualidade, a violência que as mulheres sofreram e/ou praticaram, os seus sentimentos, amores e loucuras. Correlato a isso, tratar das representações do feminino é também

configurar aspectos da imagem e do simbolismo que envolvem a figura das mulheres.

Nesse sentido, o estudo da personagem Quina possibilita refletir acerca das figurações e reconfigurações da imagem feminina. A personagem de Bessa-Luís, aparentemente uma mulher simples, é cercada por uma aura mística por sua vocação de sibila. Quina, assim como as sibilas clássicas, abdica-se de si. Para usufruir de seus dons, não constituiu família, não desfrutou de amores, nem da maternidade. Quando ela vê em Custódio a chance de realizar a ânsia de ser mãe e, efetivamente, tornar-se tutora dele, ela já

não é mais a mesma e acaba perdendo seus dons e altivez sibilinos.

O amor que Quina canaliza para Custódio parece alegorizar um dos desígnios atribuídos ao feminino pela sua própria natureza, ou seja o seu lado maternal. As mulheres, no geral, acabam por viver dilemas parecidos, em que têm que abdicar de algo tido como intrínseco ao feminino ao longo de sua vida em prol de um ideal. Nesse sentido, Quina pode representar a mulher contemporânea, que em meio às necessidades, toma as rédeas da situação e traça seu próprio destino, mas como as sibilas mitológicas, arca com as consequências de suas decisões.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Márcia Maria de Melo; FONSECA, Pedro Carlos Louzada Fonseca. **Mulher medieval e trovadorismo galego-português: o feminino e a feminização nas cantigas de amigo**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 1 v.

_____. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 2 v.

BESSA-LUÍS, Agustina. **A sibila**. Campinas: Pontes, 2000.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução de Vera da Costa e Silva... et al. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi Pinsky (Coord. de textos). 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MOISÉS, Massaud. **Machado de Assis, ficção e utopia**. São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. **A literatura Portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17. ed. Porto: Porto, 2008.